

Linguagem e educação de surdos*

As crianças surdas e com deficiência auditiva apresentam um desenvolvimento lento da linguagem em todos os aspectos lingüísticos devido: à interferência causada pela perda sensorial, no sistema da comunicação; a uma experiência cognitiva-lingüística pobre e a limitações do ambiente social e educativo.

As bases biológicas e ambientais da linguagem permitem o desenvolvimento do potencial inato para a aquisição cognitiva e lingüística como, também, uma interação dinâmica, que depende da aprendizagem e é modificável de acordo com seu desenvolvimento e experiência.

O treinamento da linguagem na criança surda tem refletido, tradicionalmente, dois valores: o que entendemos que seja a natureza da linguagem e como entendemos a maneira que a mesma será (ou deverá ser) adquirida pela criança.

Se, por exemplo, a linguagem é vista principalmente como um conjunto de palavras que se entrelaçam em orações e depois em unidades mais amplas, a formação da linguagem incluirá, provavelmente, o ensino de palavras com as quais se construirão orações paradigmáticas.

Se o desenvolvimento da linguagem for considerado em linhas gerais como um processo de imitação, o programa de formação deve incluir um considerável número de exercícios e práticas de vocabulário. Por outro lado, se a aquisição da linguagem se dá essencialmente como a aprendizagem de um processo de comunicação, o enfoque da formação se centrará principalmente na prática da conversação sobre as coisas que devem ser pensadas ou imaginadas pelas crianças.

Durante muitos anos estas perspectivas têm sido ampliadas pelas hipóteses básicas acerca da conceitualização de linguagem e desenvolvimento. Em consequência, isto tem refletido nas diferentes formas de ensino de linguagem a surdos e influído nos pontos de vista dos professores e dos pais, a respeito das aptidões lingüísticas da criança surda.

É fato que, no passado, as pessoas surdas se consideravam pessoas com pensamento "concreto", já que, normalmente estavam expostas unicamente a este tipo de experiência de linguagem.

Sem dúvida, uma abundância de novas informações provenientes de estudos sobre lingüística realizados nos últimos 20 anos, nos faz considerar tanto nossa compreensão da linguagem em si, como a forma pela qual as crianças a adquirem. Isto faz estreitar os vínculos entre lingüistas e professores de deficientes auditivos.

Atualmente, considera-se que a linguagem é muito mais complexa e dinâmica do que se acreditava e ainda que se ligue o aprendizado à comunicação este é muito mais amplo do que aquele. Enquanto as palavras e orações constituem uma parte crítica da linguagem, esta é muito mais que uma simples estrutura de orações.

As conseqüências desta nova compreensão são que nossa concepção tradicional de linguagem, mesmo não sendo errônea, é demasiado limitada, estreita e simplista.

De maneira similar, o desenvolvimento da linguagem da criança é como um processo mais dinâmico e interativo. Os estudos demonstram que as crianças proporcionam em sua linguagem as chaves que seus pais lhes dão para construir e modificar sua abordagem lingüística. Quando não estão presentes ou não são apropriadas estas chaves, como no caso da criança surda, os pais mostram-se ansiosos e confusos, o que, em consequência, tende a reduzir o nível de linguagem que empregam com a criança.

Sabemos também que a criança não responde inicialmente às palavras do modelo adulto, mas, também, à intenção, à prosódia e a muitas outras estimulações. Desta maneira estão identificando ativamente as regras do comportamento e da estrutura lingüística.

As investigações contemporâneas no desenvolvimento psicolingüístico, sóciolingüístico, gramática transformacional, linguagem infantil etc., fazem deslocar a ênfase antes dada ao ensino de linguagem.

À luz das observações que antecedem, as crianças com deficiência auditiva podem beneficiar-se dos programas de desenvolvimento da linguagem, aproveitando, assim as etapas de exposição de sondagem de

*Tradução de Wilson De Souza Nunes de texto dos Cadernos de Educação Especial da UNESCO, Paris, 1984.

aptidões e a aquisição de uma linguagem nacional.

No ensino da linguagem para o surdo, necessitamos transportá-lo mais rapidamente até o nível abstrato-cognitivo e sintaticamente complexo. Sobretudo, não devemos frear a abordagem de uma linguagem adequada para criança surda.

Infelizmente, na maior parte das aulas, o nível de linguagem utilizado subestima as potencialidades da criança surda e suas aptidões para a linguagem.

Atualmente, a maioria dos programas de treinamento de linguagem para crianças surdas está orientada para a aquisição de vocabulário e as opções de ensino de linguagem muito raramente incorporam os níveis de intensidade ou desenvolvimento conceitual. O ensino do vocabulário não é uma atividade errônea em si, mas é, sem dúvida, demasiado limitado como um currículo total de linguagem. Além disso, como o ensino do vocabulário é inevitavelmente concreto em sua apresentação, a experiência cognitiva da criança se limita ao tangível, ao perceptivo, ao pessoal.

Devemos, então, nos surpreender quando observamos dificuldades em deficientes auditivos frente a conceitos abstratos, dado que muitos deles se vêm limitados de falar em coisas ou experiências de seu contexto imediato ou recente?

Há uma outra implicação séria desta situação. Se a aptidão lingüística da criança surda não se estabelece bem no nível intensivo e conceitual, será extremamente difícil, se não impossível, deslocar-se a níveis lingüísticos mais abstratos, os quais não podem ser representados por uma imagem ou com uma palavra isolada.

Estas novas perspectivas afetam diretamente aos programas de formação de pais e professores, que podem melhorar por meio de demonstração concreta e modelos.

O ensino da linguagem para aqueles com deficiência auditiva não interessa exclusivamente a alunos e professores, mas também a todo o pessoal da escola, do diretor ao porteiro, à família e a todos aqueles que participam na comunidade que circunda a criança ainda. Por quê? Por que a linguagem afeta a cada minuto da vida da criança e a linguagem se aprende em todos os lugares e não somente na escola.

O ensino da linguagem já não é considerado como uma técnica em si. É um processo que diz respeito ao desenvolvimento integral da criança e não pode ser ex-

traída de seu contexto total. Uma pessoa não pode aprender uma linguagem se a ela não é exposta, sendo ela desenvolvida quando é utilizada em situações pertinentes.

O texto acima foi extraído do Informe da UNESCO, Programa de Estudo de Linguagem para Crianças Surdas, in Coleção Cadernos de Educação Especial — "A Educação de Crianças e Jovens Surdos", nº 04, Sede da UNESCO, Paris, 18-22 de junho de 1984.